

VESPAS AMERICANAS – 2*

Voem, voem, minhas vespas! Há tempos já que vos conservo escondidas e tranquilas. É preciso voar, correr, picar, e depois voltar de novo ao vosso asilo, para sair a novas empresas para a semana seguinte!



Então o governo crê na Providência? Não crê? É católico? Não é? Tais foram as dúvidas que se discutiram ultimamente no senado, a propósito da resposta à fala do trono.¹

Para provar que o governo não crê na Providência, veio a livraria abaixo, citaram-se exemplos, comparações e invectivas, tudo por parte da oposição.

* Esta edição foi preparada a partir da seguinte fonte: SI (19 jun. 1864, p. 1471). São duas as crônicas; elas foram numeradas nesta edição. O título da coluna, no periódico, traz ponto-final. A lista das abreviaturas utilizadas encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

¹ De fato, nos dias que antecederam a crônica de Machado, o *Correio Mercantil* publicou as transcrições das sessões em que o senado discutiu, entre outros assuntos, sua resposta à “fala do trono” (discurso do imperador). Machado está se referindo especificamente à 18ª sessão, de 8 de junho de 1864, transcrita no referido jornal no dia 14 de junho. São citados Napoleão, o rei de Portugal, o rei da Prússia, o presidente da Bolívia, o rei da Baviera e o parlamento da Inglaterra, mas não a Bélgica nem Tomboncton. Eis a fala em que o Presidente do Conselho, Zacarias de Góis e Vasconcelos, da Liga Progressista, faz essas citações: “Napoleão, abrindo em 12 de janeiro de 1863 a sessão legislativa pronunciou um discurso em que se não fala na divina providência. O discurso, com que o rei de Portugal abriu as câmaras em 4 de setembro de 1862, não traz o nome de Deus. No mesmo caso está o discurso de encerramento proferido pelo rei da Prússia em 14 de outubro de 1862. O presidente da Bolívia no discurso de abertura da assembleia dos deputados em 3 de maio de 1863; o rei da Baviera abrindo a sessão das câmaras em 23 de junho de 1863, e Napoleão no discurso de abertura da sessão legislativa em 5 de novembro de 1863, igualmente omitem o nome da Divina Providência.” (*Correio Mercantil*, p. 1, 14 jun. 1864, acessado na Hemeroteca Digital)

Para provar que o governo crê na Providência, veio igualmente a livraria abaixo, citou-se a Baviera, a Bélgica, a França, não sei se Tomboncton² também, tudo por parte do ministério.

E, no fim de contas, ficou o país entre as duas opiniões, inclinado a crer que não crê, quando ouvia a oposição; inclinado a crer que crê, quando ouvia o ministério.³

Tal é o jogo deste sistema parlamentar, onde a palavra vem sempre a pelo para alterar, disfarçar, contrariar os fatos, raras vezes para confirmá-los.

Ouvindo aquela discussão (pueril no fundo, como as cousas mais pueris) lembrei-me de um país, fantasiado por um escritor, onde dois jornais, um oposicionista, outro governista, diziam uma certa manhã:

O oposicionista:

“Até quando estaremos debaixo desta tirania feroz? Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas! Continuaremos a sofrer semelhante jugo?”

O governista:

“Cada dia nos cabe um benefício do céu, com o príncipe que temos. Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas.”

*

* *

Pede-se o conceito da charada, que, sob a forma de discurso, pronunciou o Sr. Ferraz há alguns dias, e veio esta semana impresso no *Mercantil*.⁴

Falei, nas últimas *Vespas*, no silêncio que conservava o Sr. Ferraz. Não podia explicar a mim mesmo aquele silêncio. Agora achei.

Tive um dia um pintassilgo, que me haviam dado de presente. Cantava que era um gosto. Mas, certo dia, deixou de cantar e ficou jururu.

Debalde lhe dava pão de ló e vinho; era inútil. O passarinho não cantava. Entristeci.

² Nome francês antigo da cidade africana de Tombuctu ou Timbuktu.

³ Na época o Ministério era presidido por Zacarias de Góis e Vasconcelos, da Liga Progressista.

⁴ Vejamos a participação do senador Ferraz nas sessões do senado, conforme registradas pelo jornal *Correio Mercantil*, nos dias que antecederam esta crônica: 21ª sessão de 11 de junho relatada no jornal do dia 18: faltou sem justificar; 20ª sessão de 10 de junho, relatada no jornal do dia 16: compareceu, mas quase não falou; 19ª sessão de 9 de junho, relatada no jornal do dia 15: chegou atrasado e quase não falou; 18ª sessão de 8 de junho, relatada nos jornais dos dias 14 e 15: limitou-se a apartes curtos, por vezes irônicos ou interrogativos; 17ª sessão de 7 de junho, relatada no jornal do dia 13: foi lacônico, com apartes curtos; 16ª sessão de 6 de junho, relatada nos jornais dos dias 11 e 12: em contraste com os dias posteriores, o senador mostrou-se loquaz, praticamente dominando a sessão; 15ª sessão de 4 de junho, relatada no jornal do dia 10: o senador abre a sessão com uma longa arenga sobre os montepios militares. Qual seria a “charada sob a forma de discurso” a que alude Machado não podemos precisar, já que ele não fornece pistas. Poderia ser o discurso sobre os montepios ou uma de suas várias intervenções na sessão de dois dias depois.

Um dia de manhã, fui despertado por um trinado alegre e vivo, mas um pouco hesitante e embrulhado. Corro à gaiola. Era o pintassilgo que cantava. Alegrei-me como nunca.

Indaguei a causa disto, e então explicaram-me que os pássaros, quando estão na muda das penas, ficam mudos e só cantam depois de terem completamente adquirido penas novas. – *Apliquen el cuento!*⁵



Eis o aviso que acompanha o anúncio do teatro de S. Pedro,⁶ recentemente reformado:

“Ninguém poderá entrar para as cadeiras superiores sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile;⁷ assim também para os lugares inferiores não serão admitidas pessoas sem gravata, ou com roupas que ofendam a dignidade do lugar.”

É justo tudo isto, menos num ponto. Tenho um amigo que anda elegantemente vestido, graças a uma fortuna muito regular, que possui. É rapaz da melhor roda e perfeitamente conhecedor dos estilos da civilidade. Todavia, tem ele um gosto, que pode ser discutido, mas que é um gosto: usa chapéu do Chile, do preço de 55\$000 rs.⁸ Pergunta-se: este amigo não poderá entrar nas cadeiras superiores, só por causa de usar de um chapéu do Chile, que, aliás, vale por cinco destes canudos de pelo, que se chamam chapéus, e que podem entrar nas cadeiras superiores?

Ainda mais:

⁵ *Apliquen el cuento!*] *Appliquen el cuento!* – Em espanhol. Tradução: Apliquem a história. Esta “muda” deve ter sido o período de adaptação depois que voltou de Paris.

⁶ Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, inaugurado em 1826, no local do anterior Real Teatro de São João, destruído por um incêndio em 1824. O teatro (na época iluminado à luz de vela!) sofreu vários grandes incêndios e foi sucessivamente reconstruído. No seu local ergueu-se, no século XX, o atual Teatro João Caetano.

⁷ Na época o paletó branco era malvisto, como traje de boêmios. Tanto é que na página 4 do jornal literário, poético e noticioso *Galeria Romântica* de 21 de agosto de 1864 (acessado na Hemeroteca Digital) lemos: “– Primeiro que tudo, o que tenho a contar-te de mais consideração, foi em ser recusada a entrada nas cadeiras de 1ª classe a um jovem, por estar de paletó branco. / Isso era de esperar, pois o empresário do teatro anunciou que para as referidas cadeiras, só teriam ingresso as pessoas que estivessem decentemente vestidas.” Parece que Machado está criticando a dubiedade da frase, que pode significar que você não pode ocupar as cadeiras superiores do teatro (1) “sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile” (caso do segundo amigo a que o cronista se refere logo adiante) ou (2) “sem estar decentemente vestido”, e precisa estar “sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile” (caso do primeiro amigo).

⁸ 55 mil-réis.

Tenho outro amigo, que só frequenta cadeiras superiores nos teatros, mas que, pela sua posição não usa paletó branco e chapéu baixo. Pergunta-se: estará privado de ir às cadeiras superiores do teatro de S. Pedro?

Era melhor que a direção do teatro não tivesse entrado em tais minuciosidades, e apenas anunciasse que para as cadeiras superiores entravam somente as pessoas decentemente vestidas.

Assim evitava todas estas hipóteses absurdas.

Gil [Machado de Assis].
Semana Ilustrada, p. 1471, 19 jun. 1864.

Abreviaturas empregadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referência

GIL [Machado de Assis]. Vespas americanas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 1471, 19 jun. 1864.